

A compreensão da formação do estudante de ensino médio contemporâneo à luz do pensamento de Michel Serres

Flávia Lemes Silvado¹
Universidade Federal de São João del-Rei
flaviasilvado@hotmail.com

Resumo:

Este artigo discute a formação dos estudantes de ensino médio contemporâneos, com um olhar mais específico para o ensino público. Parte-se da premissa que existe um ofício do discente, ao qual ele involuntariamente precisa se enquadrar e que, muitas vezes, é cansativo, desestimulante e até repressivo. Nesse sentido, considera-se que os corpos desviantes nas escolas são o sintoma de um problema anterior que merece ser investigado. Primeiramente, a partir do pensamento de Frédéric Gros (2018), Michel Foucault (2006) e Pedro Pagni (2020) o artigo objetiva uma reflexão sobre as distâncias existentes entre a escola e o estudante. Da mesma maneira, o livro *Juventude e Ensino Médio* (2014), organizado por Juarez Dayrell, Paulo Carrano e Carla Linhares Maia, apresenta uma leitura importante sobre o jovem que frequenta a escola, os desafios da sua formação e como se desenvolvem as relações com os educadores. Em um segundo momento, mobiliza-se Michel Serres, um pensador que deu especial importância à contemporaneidade, que possibilita criar pontes para refletir a respeito da educação. Para essa finalidade, foram usadas as obras: *Hominescências* (2003), *Polegarzinha* (2013) e *Tempo de Crise* (2017), bem como sua entrevista concedida a Santos (2014). Portanto, a partir da metodologia de investigação teórico-bibliográfica, buscou-se apresentar a urgência de uma reflexão a respeito da escola, bem como algumas das mudanças a serem enfrentadas na contemporaneidade para atingir o propósito de contribuir com a formação do jovem.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Ensino Médio. Juventude. Michel Serres.

Resumen:

Este artículo analiza la formación de los estudiantes de secundaria contemporáneos, con una mirada más específica a la educación pública. Se parte de la premisa de que hay un trabajo para el alumno, en el que involuntariamente necesita encajar y que, muchas veces, resulta agotador, desalentador e incluso represivo. En este sentido, se considera que los cuerpos desviados en las escuelas son síntoma de un problema previo que merece ser investigado. En primer lugar, a partir de los pensamientos de Frédéric Gros (2018), Michel Foucault (2006) y Pedro Pagni (2020), este artículo pretende reflexionar sobre las distancias existentes entre la escuela y el alumno. De igual manera, el libro *Juventude e Ensino Médio* (2014), organizado por Juárez

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (PPEDU-UFSJ).

Dayrell, Paulo Carrano y Carla Linhares Maia, presenta una lectura importante sobre el joven que asiste a la escuela, los desafíos de su educación y cómo se relacionan con los educadores. En un segundo momento, se moviliza a Michel Serres, un pensador que dio especial importancia a la contemporaneidad lo que permite crear puentes para reflexionar sobre la educación. Para ello se utilizaron los siguientes trabajos: *Hominescências* (2003), *Polegarzinha* (2013) y *Tempo de Crise* (2017), así como su entrevista a Santos (2014). Por ello, a partir de la metodología de investigación teórico-bibliográfica, se buscó presentar la urgencia de una reflexión sobre la escuela, así como algunos de los cambios a afrontar en la actualidad para lograr el objetivo de contribuir a la formación de la persona joven.

Palabras clave: Contemporaneidad. Escuela secundaria. Juventud. Michel Serres.

Abstract:

This article discusses the education of contemporary high school students, with a more specific look at public education. It is based on the premise that there is a job for the student, to which he involuntarily needs to fit in and that it is often tiring, discouraging and even repressive. In this sense, it is considered that deviant bodies in schools are the symptom of a previous problem that deserves to be investigated. Firstly, based on the thoughts of Frédéric Grós (2018), Michel Foucault (2006) and Pedro Pagni (2020), the aim is to reflect on the existing distances between the school and the student. In the same way, the book *Juventude e Ensino Médio* (2014), organized by Juarez Dayrell, Paulo Carrano and Carla Linhares Maia, presents an important reading about the adolescent who attends school, the challenges of his education and how relationships with educators. In a second moment, the article mobilizes Michel Serres, a thinker who gave special importance to contemporaneity, which makes it possible to create bridges to reflect on education. For this purpose, the works were used: *Hominescências* (2003), *Polegarzinha* (2013) and *Tempo de Crise* (2017), as well as his interview with Santos (2014). Therefore, based on the theoretical-bibliographic research methodology, we sought to present the urgency of a reflection on the school, as well as some of the changes to be faced in contemporary times in order to achieve the purpose of contributing to the formation of the young person.

Keywords: Contemporaneity. High school. Youth. Michel Serres.

Introdução

A comunicação com os estudantes é um dos desafios para a prática docente. Trata-se de um processo reforçado ao longo dos anos escolares. Ao chegar à escola, o estudante se depara com regras que ele precisa seguir para atingir o que se espera de seu ofício. O papel de aluno tem determinações prévias que são internalizadas ao longo da vivência estudantil. Logo, o professor e a escola têm a atribuição de orientar sobre a adequação à função de estudante. Nesse sentido, ao longo da formação escolar se tem contato com diversas experiências que constroem o discente.

Assim, a escola ao assumir o papel de conformar o estudante ao seu ofício, muitas vezes pode se furtar de conhecê-lo. Isso porque, todo o desvio do comportamento esperado é colocado à margem. Por outro lado, a obediência incondicional também se revela como um problema, pois ela é desprovida de reflexão. Com isso, pretendemos destacar que a distância entre a escola e o estudante gera nele uma reação, seja de transgredir, seja de aceitar passivamente.

Dessa forma, ainda que o papel de estudante tenha passado por poucas renovações ao longo do tempo, a humanidade vive rápidas transformações. Uma das mais recentes e significativas é a transformação digital, que alterou nossas relações, nossas vizinhanças e nosso acesso à informação. A escola, então, em vez de competir com esses novos interesses, pode buscar compreender melhor esse novo estudante e refletir sobre possibilidades de uma educação que considere as suas características.

Este artigo foi realizado a partir da metodologia de pesquisa teórico-bibliográfica, com o objetivo de convidar a uma reflexão a respeito das distâncias entre a escola e o estudante e seu impacto, com o auxílio de pensadores como: Foucault (2006), Gros (2018), Pagni (2020) e Michel Serres (2003, 2013, 2017).

A escola e o estudante: A importância de compreender as distâncias

Um dos desafios da prática docente consiste na comunicação com os estudantes. É frequente que estes mantenham os corpos desviantes diante das atividades propostas pela escola. Nesse sentido, discute-se os processos de ensino-aprendizagem à procura de alternativas para superar a dificuldade de aproximação do aluno. No entanto, consideramos ser importante observar, antes dos caminhos para ensinar e aprender, quem é o estudante que se pretende ensinar.

Destacamos, com isso, que existe um ofício discente que não é natural, mas, construído pela instituição escolar e ao qual o aluno precisa se enquadrar. Ao iniciar a sua vida escolar, este encontra regras a seguir para atingir o que se espera da sua posição. Nesse contexto, o professor e a escola assumem a função de orientar sobre a adequação ao ofício de estudante.

Ao entrar em uma sala de aula de ensino médio, o professor tem contato com histórias de jovens em uma delicada fase de transição entre a infância e a vida adulta. Com isso, é preciso se colocar diante de pessoas em formação, não apenas números de chamada e notas entregues ao final de cada etapa letiva. É importante considerar que para repensar a escola e a educação, é preciso em primeiro lugar compreender as características dos alunos que ela recebe. Em sua Carta Convite, publicada no livro *Juventude e Ensino Médio*, Inês Teixeira faz as seguintes considerações sobre a relação entre aluno e professor:

Essas relações que instauram a docência, no caso dos professores do Ensino Médio, têm uma especificidade que [...] vale ressaltar: é uma relação entre adultos e jovens. São interações dos adultos (os mestres) com as juventudes, com a cultura juvenil, diferentemente da experiência dos colegas que trabalham com crianças, com outros adultos e com idosos. Nessa convivência, somos colocados diante das culturas, dos interesses e das necessidades juvenis. Estamos diante de direitos e demandas dos jovens. Ali estão, diante de nós e sob a nossa responsabilidade, não alunos, como nos acostumamos pensar e falar, mas jovens. Ali estão meninos e meninas, garotos e garotas, rapazes e moças, gurus e gurias que, conosco, compartilham espaços e tempos de suas vidas juvenis estando no lugar, na função e no papel de alunos. E nós, os adultos, no lugar, na função, no papel de mestres (2014, p.18).²

Com isso percebe-se uma necessidade de conhecer melhor as pessoas que se pretende ensinar. Com as transformações da sociedade, a escola manteve seu mesmo modelo de trabalho, não conseguindo acompanhar as mudanças do mundo e do ser humano. O descompasso entre as idiosincrasias do adolescente moderno e a escola tradicional indica um dos problemas da educação que merece maior investigação.

Nesse contexto, é salutar que a escola reflita sobre a própria prática para que não reproduza os problemas da sociedade. Depreende-se que, a ausência da reflexão a respeito da estrutura escolar e das relações mantidas com os estudantes instaura um lugar de conformidade que gera o distanciamento. Com isso, compreendemos esse ambiente como local de construção e de ruptura. A esse respeito, Pagni (2020, p. 48) explica que:

A lógica imperante na configuração atual da escola é a de regulação do mercado, gerenciada pelo fluxo de investimento do capital financeiro, mediada por agentes

² In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, C. L. (Orgs.). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

funcionais que, por sua vez, formam outros elementos igualmente funcionais. A educação escolar consome boa parte das imagens, crenças e sentidos postos em circulação pela mídia, pelas redes virtuais no presente. Reforçam o já vigente em uma vida que *age por reflexo*, ampliando a visão comum que, na reflexão, os sujeitos defrontam com o seu lado mais difícil, obscuro e temido.

Assim, ao refletir sobre si, a escola e seus agentes são levados a lidarem com a diferença e a observarem as estruturas que orientam suas práticas cotidianas. Dessa maneira, a escola funda suas estruturas para tentar evitar os desvios. Com isso, pode ser levada a desconsiderar as subjetividades dos seus estudantes. Sob essa perspectiva, a escola tem a função de civilizar e todo o desvio é colocado à margem. Frédéric Gros (2018), recupera o sentido de educação em Kant e demonstra que pela perspectiva do filósofo alemão “a obediência incondicional abre caminho para o processo de humanização” (2018, p. 16).

Nesse sentido, os indivíduos que não conseguem se adequar às normas são estigmatizados e considerados insuficientes. Gros explica que “o incorrigível é o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas” (2018, p. 15). Por outro lado, observa-se que a obediência desprovida de reflexão, apesar de desejada com frequência na escola, representa alunos que “agem mais por reflexo, na expectativa de que advenha alguma reflexão, sem que jamais venha, restando somente a obediência, ou, se preferirem, a superobediência” (Pagni, 2018, p. 51).

Desse modo, compreende-se que as distâncias estabelecidas entre a escola e o estudante geram nele uma reação, seja de aceitação passiva, seja de transgressão. A transição do agir reflexo para o agir reflexivo, apresentada por Pagni (2020), demonstra ser uma necessidade para a prática educativa que envolve pesquisadores da educação, educadores e estudantes. Trata-se de um movimento de superação de paradigmas e do conformismo, a partir da observação das necessidades apresentadas pelos estudantes por meio dos seus comportamentos. Nessa direção, observa-se o ajuste social em nome da ordem e em que medida o desvio pode significar um resgate da individualidade e uma resistência a esse conformismo. Assim, considera-se que os corpos desviantes nas escolas são o sintoma de um problema anterior que merece ser investigado.

Similarmente, Michel Foucault (2006) foi um pensador que contribuiu significativamente para a reflexão a respeito do papel do indivíduo. Ainda que Foucault não tenha tratado diretamente da educação, temas relacionados à escola são frequentes em suas obras, a partir da compreensão de que esta é um alicerce importante da sociedade e da construção do sujeito. O Foucault tardio busca na filosofia grega antiga as referências para o

conceito de *cuidado de si*. Demonstra, assim, que esse movimento constituiu um “acontecimento do pensamento” (Foucault, 2006, p.13), que se transformou ao longo do tempo, mas que ainda é relevante. Explica, ainda, que “não é meramente como condição de acesso à vida filosófica, no sentido estrito e pleno do termo, que é preciso cuidar de si mesmo” (Foucault, 2006, p. 12). Foucault considerava, dessa maneira, um princípio de toda a conduta racional.

Apesar da relevância do conceito grego, compreendemos com Foucault que na contemporaneidade os sentidos da cultura de si são distintos e precisam ser observados conforme o seu tempo. Dessa maneira, buscamos nos aproximar da compreensão da ética foucaultiana, que propõe o cuidado de si e do outro como uma nova maneira de estabelecer relações e de se pensar a educação. Destacamos, com isso, que o cuidado de si não é um exercício exclusivamente individual, posto que esse processo não é desarticulado de um cuidar do outro. Nas palavras de Foucault (2006, p. 17) “temos pois o paradoxo de um preceito do cuidado de si que, para nós, mais significa egoísmo ou volta sobre si e que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio positivo, princípio positivo matricial relativamente a morais extremamente rigorosas”.

Com isso, esclarece que o conceito se refere sempre a algo positivo. Nesse contexto, a educação pode reproduzir objetivos que estão externos a ela, ou ser uma educação como ferramenta para o cuidado de si. Observamos, dessa forma, a importância de que a juventude seja considerada a partir de sua potencialidade e diversidade, em detrimento do olhar para essa fase como um problema. Da mesma forma, consideramos que é salutar observar esse período da vida em sua própria identidade, não apenas como uma transição em que tudo que se vê é o futuro projetado.

A contemporaneidade e a educação

Após abordar as distâncias existentes na escola e suas relações com a juventude, retomamos a importância de se conhecer os estudantes recebidos. Consideramos ser uma compreensão salutar para refletir a respeito das possibilidades educativas que reconheçam a subjetividade do estudante.

O filósofo Michel Serres, no livro *Polegarzinha* (2013), apresentou importantes contribuições para se pensar sobre essa nova geração de estudantes, que leva a escola a lidar com diferentes meios de informação. As características da juventude mudaram, como observa

o francês. Agora a vida se desenrola rápido, são muitas novidades acontecendo o tempo todo e existe a sensação de precisar acompanhar tudo. Segundo Serres (2013, p.18-20):

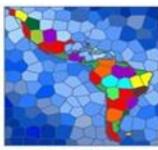
Pelo tempo de exposição de que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino. Criticados, menosprezados, vilipendiados, já que pobres e discretos, [...] nossos professores se tornaram menos ouvidos dentro desse sistema instituidor dominante, rico e ruidoso. Essas crianças, então, habitam o virtual. [...] podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça. Por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias. Não habitam mais o mesmo espaço. Eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço.

Dessa maneira, compreender que os alunos não são mais os mesmos e que a sociedade está em rápida transformação leva a inferir que a escola também precisa mudar. Essa reinvenção pode permitir uma aproximação. Ainda na infância se inicia a vida escolar, sem que isso seja uma escolha. Durante essa trajetória, o estudante precisa atender a demandas constantes, se enquadrar em um modelo que foi criado em uma geração diferente da sua e suprimir sua vontade de falar, de se movimentar ou de conhecer as coisas no seu tempo.

Com isso, é preciso considerar que a escola não é apenas o local em que se aprende português e a matemática, mas onde é construída uma importante base para a sociabilidade e a formação pessoal. Nesse sentido, compreende-se que para que a educação seja capaz de formar o indivíduo integralmente é preciso antes conhecer os seus estudantes. Como aponta Serres (2013, p.11): “antes de se ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém. Nos dias de hoje, quem se candidata à escola, ao ensino básico, à universidade?”.

Para Michel Serres, os estudantes de hoje são jovens que lidam com múltiplas informações e diferentes formas de comunicação, sendo impulsivos e imediatistas. Assim, é importante que a escola não resista em seu formato tradicional e que não busque competir com os novos interesses dos seus alunos, mas se renove, transforme as suas formas de se comunicar e seja pensada em consonância com as pessoas que a mantêm. De acordo com Serres (2013, p.27-28):

Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva no ensino – mudança que pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas; mudança que não abala apenas o ensino, mas também,



e muito, o trabalho, as empresas, a saúde, o direito e a política, isto é, o conjunto de nossas instituições –, mas estamos longe disso ainda.

Nesse contexto, a aproximação entre as atividades escolares e a vida prática pode ser um bom caminho para despertar o interesse dos estudantes. Uma educação significativa e estimulante não deve se limitar à instrução, mas precisa proporcionar experiências que sejam formativas.

O filósofo reflete ainda a respeito da fluidez da humanidade, em constante construção, o que resulta em um novo mundo. Por outro lado, permanecemos em um modelo arcaico, a despeito de tantas novas produções. Nas palavras de Serres (1999, p.151):

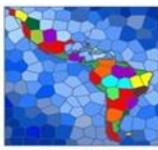
[...] a concepção, a construção, a produção dos contatos, das relações, dos transportes, da comunicação em geral evoluem tão rápido que constroem incessantemente, em tempo real, um novo mundo. Vivemos ainda num século ou num universo de conceitos, de seres, de objetos, estátuas arcaicas ou mesmo de operadores, enquanto não paramos de produzir um meio de interferências flutuantes que nos produz, por sua vez.

A partir desse novo jovem, com abundância de informações ao alcance dos dedos, é importante observar dois movimentos complementares, mas não sinônimos, que envolvem a formação: educar e instruir. Nesse sentido, a instrução como transmissão de um saber, especialmente quando o acesso ao conhecimento é tão amplo, não pode ser considerada a educação em si. Michel Serres, ao ser questionado por Santos (2015) sobre o que é educar, explica a distinção entre esses conceitos:

A primeira resposta seria a diferença, em língua francesa, entre educar (*éduquer*) e instruir (*instruire*). Instruir é simplesmente dar a informação sobre um conhecimento. Isso é um problema bem fácil, porque se trata de ciência, de conhecimento, como a matemática, a gramática, etc. Isso é simplesmente o conhecimento: instruir. Obviamente, isso não é educar. Educar é formar a pessoa em geral (SANTOS, 2015, p. 240).

A consideração feita por Serres está intimamente ligada ao acesso à informação, afinal, considera que não há mais nos dias atuais uma novidade no que se ensina, uma vez que os estudantes podem consultar uma infinidade de conteúdos a qualquer momento pela internet. Apesar disso, não é possível fazer a educação de maneira descolada da instrução. Assim, a ponderação que se propõe é que a informação não seja o único objetivo.

Nesse contexto, não podemos considerar que exista uma determinação global e atemporal de juventude, tampouco uma cartilha determinada de como é ser jovem. De acordo



com Carrano e Dayrrel (2014, p. 112).³

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse, o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vi-venciar a juventude. Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim, jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente.

Assim, ao buscarmos determinações sobre o que é a juventude, percebemos o quanto ela é diversa e dinâmica. Portanto, considerar esses aspectos demonstra o desafio que se coloca para a educação. Tais perguntas ainda sem respostas são o motor para que se possa repensar a escola. A esse respeito, Serres nos diz: “não há citação de filósofo na história que me permita compreender o digital. Portanto, é necessário que eu invente ferramentas intelectuais para compreender a era contemporânea” (SANTOS, 2015, p. 252).

Desse modo, acreditamos na importância de considerar a contemporaneidade e pensar sobre novos caminhos para a educação que acolham as novas características dos jovens e caminhem ao seu lado para aprimorar a aprendizagem. Como Serres nos indica, é preciso encontrar ferramentas que nos permitam essa compreensão. Deixamos, assim, o convite à reflexão sobre a construção de uma educação que acolha a diferença e o dissenso, bem como a defesa de outra ordem, que considere a singularidade da contemporaneidade.

³ In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, C. L. (Orgs.). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Considerações finais

A partir das contribuições dos filósofos pesquisados, ressaltamos a importância de compreender a distância existente entre a escola e o estudante contemporâneo e seus impactos para a educação. Com isso, destacamos a crença nesta como um espaço de ruptura e de criação, que não deve reproduzir o conformismo e os problemas sociais.

Portanto, evidenciamos o desafio da educação para esse novo jovem e a necessidade de buscar caminhos para promover o agir reflexivo em detrimento do agir reflexo. Acreditamos na compreensão da contemporaneidade e das características dos estudantes como um passo inicial para encontrar possibilidades pedagógicas em consonância com os estudantes. A pesquisa teórico-bibliográfica explicitada neste artigo demonstra a complexidade do tema e a necessidade de que ele seja investigado.

Desse modo, a aproximação entre as atividades escolares e a vida prática pode ser um bom caminho para despertar o interesse dos estudantes. Uma educação significativa e estimulante não deve se limitar à instrução, mas precisa proporcionar experiências que sejam formativas. Assim sendo, deixamos o convite a se pensar sobre essa questão para uma renovação da escola.

Obras consultadas

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, C. L. (Orgs.). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PAGNI, Pedro A. Resistências ao Cotidiano Escolar de Exceção: o ingovernável, a desobediência e o julgar reflexivo. In: GALLO, Sílvio. MENDONÇA; Samuel (Orgs). *A Escola: uma questão pública*. São Paulo: Parábola, 2020. p. 39-65.

SANTOS, Maria Emanuela Esteves dos. *Filosofia da Educação e Multiplicidade em Michel Serres*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020

SANTOS, Maria Emanuela Esteves dos. Educação e Contemporaneidade em Michel Serres. *Pro-Posições*, v.26, n. 1(76), p. 239-257. 2015

SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

SERRES, Michel. *Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.